



Luiz Vieira Caldas Saldanha (1937-1997)

LUIZ SALDANHA O MEU PAI

Por MIGUEL SALDANHA ¹

Naquele mergulho, em Agosto de 1978, apesar de estarmos nos Açores, mais precisamente na zona do navio afundado “Dori”, em frente a Ponta Delgada, a água estava pouco transparente. Tínhamos acabado de dar uma volta pelo navio e preparavamos para regressar à superfície. Nesse dia e a essa hora, fazia-se sentir uma corrente mais forte que o habitual e depressa fomos levados para fora da vertical do “Dori”, onde o barco de apoio nos aguardava à superfície.

Dessa forma, foi preciso “dar à barbatana” para compensar a corrente que nos afastava. O meu Pai e o Pedro Ré iam a uns 4 metros à minha frente, eu, no meu segundo verão de mergulhos e com os meus 13 anos de idade, seguia-os. A inconsciência da situação levou-me a deter a atenção num *Spherooides* que vagueava no fundo, alguns metros por baixo de mim.

De repente, apercebo-me que estava completamente perdido. O Pai e o Pedro tinham desaparecido na água esverdeada.

Do meu equipamento naquele ano, ainda não constavam nem profundímetro, nem relógio, nem bússola e as referências no fundo não eram nenhuma. Quem conheça a zona do “Dori”, sabe que em torno do navio, o fundo é monotonamente arenoso. Senti uma angústia profunda. Talvez tenha pressentido o fim. Vagueei em círculos, a meia água, durante alguns minutos, que me pareceram uma eternidade. O desespero apoderava-se de mim. Tinha a ideia de que, se viesse à superfície sózinho, era arrastado pela corrente para o largo, como uma rolha.

Subitamente viro-me e torno a ver o meu Pai que tinha voltado para trás à minha procura. Após um breve instante, fez-me sinal com a mão, como quem diz: “Ai, levas, levas...”. Escusado será dizer que rejubilei de alívio.

¹ Estrada da Rebelva, lt 2, 1º D, 2785-596 S. Domingos de Rana, Portugal. E-mail: msaldanha@geosub.pt

Já à superfície, fomos realmente arrastados para longe, e por sorte, recolhidos por outra embarcação que passava nas imediações.

Este episódio ilustra a sensação de segurança e reconforto que a presença do meu Pai conferia à minha existência.

Mesmo passados alguns anos sobre este episódio, quando a partir dos meus vinte anos deixámos de morar juntos e conseqüentemente não nos víamos com frequência, conscientemente senti sempre o reconforto da sua presença na minha vida. Não só por saber que podia contar com ele, o meu melhor amigo, mas também por sentir a sua influência na minha pessoa, nos meus gostos, na minha bagagem cultural ou nos meus valores éticos. Essa influência nunca foi forçada, mas sim, naturalmente transmitida.

É bom contemplar, já com uma certa distância, o que foi o iniciar de uma carreira que se pode considerar brilhante.

Luiz Saldanha, cresceu numa família onde não havia grandes estímulos ao estudo das ciências naturais. O meu Avô, João Saldanha, era um homem espartano nos hábitos e bastante sisudo. Embora na sua juventude tivesse sido um grande desportista, como homem maduro, apenas o mundo dos negócios lhe parecia interessar. Foi um tio do meu Pai, Eduardo da Cunha Serrão (casado com a irmã do meu Avô), quem mais o influenciou no cultivo da veia artística. O gosto pela pintura, pelas colecções de brinquedos antigos, pelas colecções de “soldadinhos” e de militar em geral e pela etnografia. Foi talvez também responsável pela sua curiosidade científica. Sendo Eduardo Serrão, arqueólogo, meu Pai em jovem, acompanhava-o em algumas escavações e conseqüentes triagens de achados.

No entanto, o espírito “coca-bichinhos”, como dizia a minha Avó, e que mais tarde o levou para a Biologia, foi exclusivamente genuíno, sem que ninguém do seu *entourage*, fosse directamente influente.

Certa vez na praia de Parede, local onde a família passava férias regularmente e onde, umas décadas mais tarde, ele veio a residir, contou-me que enquanto criança de 6 ou 7 anos, costumava ali brincar, imaginando aventuras de piratas e transformando em ilhas misteriosas as lages de rocha descobertas na maré baixa. Provavelmente terá sido esse ambiente intertidal de intenso cheiro a maresia e de uma extraordinária profusão de vida marinha, que lhe despertou a vocação. Talvez o facto de ter pertencido aos escuteiros da Igreja de S. Luís dos Franceses, em Lisboa, também tenha contribuído para isso. Nos seus cadernos de escuteiro, já é possível ver os apontamentos, que desenhava meticulosamente, sobre pistas de mamíferos e aves.

Com os seus 15 anos, os seus interesses já estavam praticamente definidos. As colecções de animais fixados em formol começavam a ocupar as prateleiras do seu quarto de rapaz (de tal forma que, por vezes, tinha de dormir de janela aberta mesmo no Inverno), juntamente com alguns quadros já da sua autoria, e objectos diversos de algum

valor etnográfico, que começava a juntar.

Contava a minha Avó que, em certa ocasião, tinha ido lá a casa um operário (talvez um canalizador) e que sem tecer qualquer comentário teria visto o quarto do meu Pai. Nesse mesmo dia, à hora do jantar tocaram à porta e era o operário acompanhado de um amigo, que pedia licença para visitar o museu...

Com 17 anos, em Espanha, no âmbito de uma das suas primeiras viagens, entabulou os primeiros contactos de interesse “profissional” (na altura interessavam-lhe as técnicas de conservação de espécimes para colecção). A partir de então e para o resto da vida, relacionou-se sempre de forma descomplexada com os seus colegas estrangeiros, o que lhe valeu não só a estima e consideração destes, mas o reconhecimento do seu valor pelas diversas instituições estrangeiras por onde passou.

Embora estas facetas pareçam coadunar-se com alguém pouco versado para questões práticas da vida, tal não era tanto assim. Luiz Saldanha era também dotado de bastante coragem física. Em jovem, foi atleta de luta Greco-romana no Ginásio Club Português, provavelmente por influência do próprio Pai, antigo praticante, e do Avô materno, Humberto Vieira Caldas, que ainda foi seu treinador. Foi ainda, durante um ano, detentor de um título europeu da classe de Leves.

Foi dos pioneiros do mergulho em Portugal. Com cerca de 18 anos, já aluno do curso de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências de Lisboa, fez o seu primeiro mergulho em Sesimbra, com um escafandro emprestado, sem fato isotérmico, uma raridade naquele tempo, com o corpo besuntado de vaselina e duas grossas camisolas de lã.

Alguns meses depois, através do seu relacionamento com o Professor Mário Ruivo, do então Instituto de Biologia Marinha, participa na sua primeira campanha oceanográfica, que decorreu na costa sul de Portugal, a bordo do navio “Faial”. Conhece então o Professor Jean M. Perez da Station Marine d’Endoume de Marselha, com quem passa a corresponder-se.

Por essa altura, surge também a hipótese “despachar” o serviço militar de uma forma semelhante à do exército suíço – exercícios aos fins de semana e umas semanas seguidas de vez em quando. Adere a essa modalidade por forma a poder frequentar as aulas da Faculdade. Infelizmente algum tempo depois, um decreto anula essa modalidade e tem de passar a fazer tropa em regime normal. Algumas dificuldades económicas em casa, levam-no a prolongar o tempo de tropa através de contratos. Uma forma de ter o seu sustento assegurado.

Já licenciado e prestes a passar à disponibilidade, rebenta a guerra em Angola e é mobilizado para uma comissão de quase 3 anos. Serve numa unidade operacional no Norte de Angola, onde, em algumas ocasiões em combate, assiste ao tombar dos camaradas a seu lado.

Apesar das difíceis condições a que estava sujeito, esses anos em Angola foram riquíssimos para a sua faceta de naturalista.

Durante o tempo de licença, aproveita para viajar juntamente com a minha Mãe (que o tinha seguido para Angola e estava colocada como professora de liceu no norte), coligindo material e informação tanto da fauna como de outros aspectos de natureza etnográfica das diferentes regiões que visita e que mais tarde virá a publicar ¹.

Ao longo da sua comissão, a família na metrópole, recebia caixotes cheios de peças etnográficas, peles e animais montados ².

Para ilustrar esta obstinação colecionista, refira-se o episódio de transportar para Lisboa, na sua bagagem pessoal, durante a viagem de regresso da comissão em Angola a bordo do paquete “*Uíge*”, um pequeno crocodilo vivo! A certa altura da viagem, o réptil escapando-se do compartimento em que viajava, foi salvo *in extremis* de cair ao mar, tendo Luiz Saldanha apanhado o animal pela cauda, na altura em que este saltava borda fora! Já em Lisboa, o crocodilo, depois de passar uns dois dias na banheira da família Saldanha, foi finalmente entregue ao Jardim Zoológico de Lisboa, onde teve um resto de existência longo e calmo.

Meu Pai regressa assim de Angola em 1965, cheio de experiências, mas felizmente sem os traumatismos psicológicos, apresentados por tantos da sua geração que também por lá passaram. Certamente que as suas actividades de naturalista o salvaram da obsessão do medo da morte e de outros horrores de que muitos eram vítimas.

Nasci logo após regresso de Angola dos meus pais (a minha concepção terá sido em Luanda).

Nas minhas primeiras memórias de infância (a partir dos meus dois anos de idade) recordo-me do meu Pai como o meu companheiro de brincadeiras, para além da habitual imagem de herói que as crianças têm dos pais nos primeiros anos de vida.

Recordo-me de passar muito tempo próximo do meu Pai. Ensinava-me a desenhar, ajudava-me nos deveres de casa, era comum quando de manhã me levava à escola, ajudar-me a decorar os versos e a tabuada. Apesar da situação remuneratória do meu Pai não ser muito famosa naquele tempo, optou por me pôr a mim e mais tarde à minha irmã, a estudar na Escola Francesa. Tinha a preocupação de nos dar a melhor preparação.

Só me custavam muito as suas ausências em viagem, que com o tempo se foram tornando mais frequentes. Talvez por estar muito habituado a estar próximo dele. Os seus regressos eram por mim ansiosamente esperados e lembrar-me-ei sempre da felicidade que sentia nas suas chegadas, carregadas de presentes.

A minha infância foi povoada por uma série de heróis da banda desenhada (franco-belga), que me chegavam através das revistas trazidas pelo meu Pai. Hoje, com distância, sinto que o achava capaz das mesmas proezas que os outros heróis. Em comparação com os pais dos outros miúdos com quem me dava, o meu Pai era

mergulhador, tinha sido soldado na guerra, caçara hipopótamos, mergulhava em batiscafo, tinha sido atleta de luta greco-romana, desenhava muito melhor que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Curiosamente, não gostava de futebol. Este último ponto era o que mais o distinguia de todos os outros pais.

Tive a sorte de ir gostando das mesmas actividades que o meu Pai. Recordo-me hoje do agrado que ele sentia a contar as minhas proezas de mergulhador com doze anos de idade. Orgulhava-se do meu desembaraço e fez-me um grande favor, ao qual me sinto grato. Deu-me toda a liberdade desde então. A partir daí fez-me sentir responsável pelos meus actos e eu, esforcei-me por não o deixar ficar mal.

Forçosamente, depois da minha adolescência, os nossos caminhos divergiram um pouco. Orgulhosa e idealisticamente, não quis seguir biologia, para grande pena do meu Pai. Quis evitar ter uma vida profissional sempre na sombra do nome dele.

Optei pelas geologias e hidrografias. À paixão pelo Mar é que não escapei.

Enfim, em termos gerais é difícil, falarmos do nosso Pai. É quase impossível fazer um juízo isento em relação ao trabalho por ele realizado e à obra deixada. No entanto, facilmente sou levado a concluir que tenho o privilégio de ser filho de um homem que profissionalmente empreendeu uma obra excepcional, tanto na divulgação e sensibilização do público para questões como o conhecimento e a protecção do meio marinho, como na formação das gerações de biólogos marinhos portugueses nos últimos 25 anos.

Muitos dos que com ele aprenderam e trabalharam tornaram-se profissionais de qualidade científica reconhecida.

Uma grande auto-confiança e um espírito interessado, permitiram empreender uma obra, criar e consolidar uma escola, quantas vezes remando contra a tacanhês e mediocridade reinantes.

Como ser humano, pertenceu a uma estirpe em vias de extinção. A dos naturalistas com espírito aventureiro, que veêm o mundo com olhos de artista. Veja-se o seu gosto por viagens às paragens mais diversas como aos desertos, às terras austrais, à África, ao Polo Norte ou às profundidades abissais.

Hoje em dia, passados alguns anos sobre o seu desaparecimento físico, a toda a hora continuo a sentir presente a sua memória. Talvez que nesta fase da minha vida, eu tenda a sublimar recordações, talvez como compensação por não poder falar com ele, por não lhe poder pedir opinião sobre esta ou aquela questão.

Enfim, sinto que para além da óbvia dívida biológica, lhe devo grande parte da minha maneira de ver o mundo. Vejo nele exemplo de coragem, perseverança e um campeão na determinação em alcançar objectivos.

Por tudo o que ele me transmitiu e por aquilo que sou, só me posso sentir afortunado.

NOTAS

¹ 1965 – As espécies cinegéticas do Norte de Angola. *Caça e tiro ao voo*, 7: 32-33 e 36.; 1966 – Fauna do Noroeste de Angola. *Geographica*, 8: 2-15.; 1967 – Vasos cerâmicos Angolanos - seu paralelismo com os pré-históricos europeus. *Geographica*, 10 (Coll. E. da Cunha Serrão): 34-54.; 1968 – Notas etnográficas - Noroeste de Angola. *Geographica*, 13: 7-85 D.;

² Alguns destes viriam, mais tarde, a fazer parte de colecções do Museu Nacional de História Natural.



Extract from the illustrated diary made by Luiz Saldanha during the mission “Arquipélagos 84” to Madeira and Selvagens islands in July 1984.
(Coll. Miguel Saldanha).